

Resenha

Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética
(Ferreira-Santos, Marcos; Almeida, Rogério de. São Paulo: Képos, 2012.)

Gilmara da MATA¹

Ao longo da história, a presença forte da traição iconoclasta afastou o imaginário e a imaginação do ofício de representar um objeto. Era relacionado à imaginação a falta de racionalidade, e, até século XX, as concepções de imaginário eram associadas a um aspecto redutor. Em contra partida, após a grande disseminação da fotografia, e o audiovisual como um todo, a preocupação com a imagem e a sua circulação, faz com que o termo imaginário passe a ser usado em diversas áreas do saber, mesmo sem se ter uma clareza em seu sentido.

Dentro deste contexto, Gilberto Durand surgiu como o estudioso que se aprofundou no campo do imaginário, conceituando e compreendendo sua dinâmica, criado e organizacional, o que possibilitou uma classificação do imaginário.

Neste aspecto, o livro “Aproximações ao Imaginário: bússola de investigação poética.” publicado em 2012 pela editora Képos, com autoria de Rogério de Almeida e Marcos Ferreira-Santos, proporciona, como bússola, um guia para as noções, conceitos, pensadores e teóricos, do imaginário. A obra se organiza em cinco capítulos, tendo um poema como tese principal, e cada capítulo traz um conjunto de noções e definições de termos do imaginário, detalhadas em verbetes. Uma espécie de dicionário para pesquisadores e estudiosos

No primeiro capítulo, os autores iniciam com o verbe “amor fati”, a fórmula de Nietzsche, sobre amar o próprio destino. Em seguida, temos uma breve leitura sobre “cultura”, lugar onde o imaginário acontece, é colocado em uma perspectiva “mais simbólica como o universo da criação, da transmissão, da apropriação e da interpretação dos bens simbólicos e das relações que se estabelecem.” (p.14) Seguido pelos esclarecimentos acerca das “estruturas de sensibilidade”, e aqui nos é apresentado as três estruturas de classificação das imagens, empregadas pelo imaginário: a estrutura de

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB).
E-mail: gilmaradamata@gmail.com

sensibilidade heroica, mística e dramática. Seguido pelos verbetes sobre “homo symbolos”, a “mediação das formas simbólicas (arte, linguagem, religião etc.) na atribuição de sentidos, o que faz com que a realidade não seja oposta ao imaginário” (p.30), e “imagem” que possui “o atributo básico de mobilizar nossos afetos, memória, percepções, nos exigindo formas de acompanhar seu movimento” (p.31), seja a imagem registrada em algum suporte de linguagem artística ou que se forma em nossa imaginação.

Ainda neste capítulo, os autores continuam esse passeio pelos conhecimentos do imaginário, com os verbetes sobre “imaginação formal e material”, com a diferenciação que nos fornece Bachelard. Sendo a imaginação formal é a “que imaginação que “brinca” com as formas. É a imaginação mais abstrata que forma e transforma as figuras, configura e transfigura conjuntos inesperados” (p.34) e a imaginação material é a “relação de nossa corporeidade com os elementos líquidos, com os elementos aéreos, com os elementos ctônicos e com os elementos ígneos que se encontram na raiz da força imaginante.” (p.35). Posteriormente, temos contato com verbete referente ao próprio “imaginário”, que traz um breve histórico do surgimento deste campo de saber, com Gilberto Durand, seguindo com definições e reflexões, e o conceito que imaginário é “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparecemos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano.” (p.38)

Fechando o capítulo inicial, ainda temos os verbetes sobre “jornada interpretativa”, “mestre-aprendiz”, “mito” e “símbolo”. Destacamos os conceitos dos últimos, sendo o mito uma forma de conhecimento que remonta aos primórdios da humanidade, é a o mito é “a articulação entre a arché (passado) e o presente vivido em direção a tólos (dever) através da narrativa dinâmica de imagens e símbolos”.(p.48), e o símbolo, que podemos definir como “signo que remete a um indizível e invisível significado, sendo assim obrigado a encarnar concretamente essa adequação que lhe escapa, pelo jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas.” (p.57)

Seguindo as reflexões, o segundo capítulo começa com verbete de “angústia existencial”, que, segundo o que os autores nos esclarecem, essa angústia existencial, desenvolve, no mínimo, três modalidades diferentes de sensibilidades de resposta à percepção da finitude: aquela que está na base dos mitos diurnos ou noturnos. Em

seguida, temos o “círculo de Eramos”, grupo interdisciplinar de livres pensadores e toda sua história, e a “educação de sensibilidade”, que se compreende como uma educação o processo pelo qual se constrói, pela própria pessoa, sua humanidade.

Este capítulo ainda nos traz os verbetes sobre “eterno retorno”, que é fundamental para a compreensão da formação de imagens e sentidos da cultura humana, na perspectiva da Antropologia do Imaginário. Após, temos “isomorfia”, denominada como “a qualidade de determinadas imagens se apresentarem com características comuns em sua figuração.” (p.75), e “recorrência simbólica”, que é o “processo pelo qual determinado mitema atravessa a narrativa (textual ou imagética), de modo a reiterar seu nível de pertença a um registro simbólico.” (p.76). Para encerrar este capítulo, Santos e Almeida colocam o verbe “trajeto antropológico”, que é a troca incessante que há na esfera do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social.

Por sua vez, o terceiro capítulo se inicia com verbe “anima e animus”, podemos entender a anima como alma, e de outro o animus como espírito, “de um lado, um princípio mais feminino (anima) voltado às pulsões subjetivas e seus esquemas de receptividade, (...) de outro lado, um princípio mais masculino (animus) voltado às intimações do mundo.” (p.80), e prossegue com “antropologia simbólica”, uma subárea no quadro epistemológico geral da antropologia, este verbe nos faz caminhar pelos conhecimentos dessa ciência. Já no verbe “arte-educação” os autores nos colocam dentro das discussões referente a educação pautada pelas categorias fundamentais da arte, num percurso histórico-reflexivo.

O verbe seguinte é sobre “coincidentia oppositorum”, termo latino que significa, sem sua tradução literal, coincidência dos opostos. Podemos compreender como “a incidência simultânea de elementos opostos, a harmonia dos contrários, a união, a junção dos opostos” (p.90). Após, temos “complexidade”, que acontece como uma articulação que preserva a identidade e a diferença, e o último verbe do capítulo, é “razão sensível”, termo que pode ser definido como “a “sinergia da matéria e do espírito”, a valorização do dado sensível em conjunção com a razão.” (p. 100)

Dando sequência, no quarto capítulo, os autores nos apresentam um conjunto e verbetes acerca dos caminhos metodológicos possíveis do imaginário: “fenomenologia compreensiva”, “hermenêutica”, “képos epicurista”, “método”, “mitanálise”,

“mitocrítica”, “mitohermenêutica”, “mudança paradigmática”, “pessoa” e “técnicas de investigação”. Cada verbete, um caminho e aplicabilidade nas investigações e interpretações dos fenômenos, segundo a teoria do imaginário.

Por fim, o quinto capítulo, inicia-se com o conceito de “arquetipo”, compreendido como “uma imagem primordial, uma gesticulação cultural que liga as aptidões inatas do homem ao meio em que vive” (p.139), seguido pelos verbetes “encantaria” e “fantástica”, o primeiro conceito nos ajuda a compreender as expressões de cultura popular, como também da estética poética, fílmica, já o segundo, é usado por Durand como uma possível filosofia da imagem. No “itinerários de formação”, há reflexões acerca da formação, entendendo que não há uma única maneira de se formar, a escolar, mas múltiplos caminhos que proporcionam uma auto-formação, e é por esses caminhos que percorremos neste verbete.

Para finalizar o último capítulo, temos os verbetes “jornada do herói”, caminho percorrido pelo mito, “obra de arte” que é uma produção do imaginário, uma forma de conhecimento, “pedagogia da escolha”, podemos aqui entender como uma proposta a escolha da educação como tema, partindo da perspectiva de um processo de autoconstrução, no verbete “sagrado” temos as sintetizações das relações entre o sagrado e a dimensão religiosa da existência humana, e por fim, o último verbete, “ser selvagem”, que “nos parece ser, propriamente, aquele que mobiliza e é mobilizado em sua metáfora por excelência: a Arte.” (p.165)

Nesta obra, Rogério de Almeida e Marcos Ferreira-Santos sintetizam, de forma poética, os termos, conceitos, e análises do campo do imaginário. Sem pretensão de esgotar a temática, ou se colocar como uma introdução ao imaginário, como alerta os autores, o livro serve como um guia àqueles que se empenha à área. Buscando os sentindo e significados, com percursos históricos e filosóficos, é uma importante fonte de estudos aos interessados.